



Vol. 32, nº 1 (2026)

PRETINHA, EU? DE JÚLIO EMÍLIO BRAZ E CABELO RUIM? DE NEUSA BAPTISTA PINTO, LEITURAS QUE FORMAM IDENTIDADES NEGRAS

PRETINHA, ME? BY JÚLIO EMILIO BRAZ AND BAD HAIR? BY NEUSA BAPTISTA PINTO, READINGS THAT SHAPE BLACK IDENTITIES

Antonia Rodrigues da Cruz¹

Recebimento do Texto: 20/11/2025

Data de Aceite: 13/12/2025

Resumo: O presente artigo discute a importância da literatura para a formação da identidade racial negra, considerando-a como um espaço de representação, resistência e afirmação cultural. O estudo teve como objetivo analisar de que modo as produções literárias afro-brasileiras, especialmente as destinadas ao público infantojuvenil, contribuem para a formação de subjetividades negras positivas e para o enfrentamento do racismo. A análise das obras *Pretinha, eu?*, de Júlio Emílio Braz (2008), e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto (2020), evidenciou a possibilidade de empoderamento e reconhecimento de si, permitindo que jovens leitores negros se vejam representados e valorizados.

Palavras-chave: Educação antirracista. Literatura afro-brasileira. Representatividade.

Abstract: This article discusses the importance of literature in the formation of black racial identity, considering it as a space for representation, resistance, and cultural affirmation. The study aimed to analyze how afro-brazilian literary works especially those intended for children and young adults, contribute to the development of positive black subjectivities and to confronting racism. The analysis of the works *Pretinha, eu?* by Júlio Emílio Braz (2008), and *Cabelo ruim?* by Neusa Baptista Pinto (2020) highlighted the potential for empowerment and self-recognition, allowing young black readers to see themselves represented and valued.

Keywords: Anti-racist education. Afro-Brazilian literature. Representation.

1 Introdução

A literatura constitui-se como um dos mais importantes espaços de produção simbólica e de representação das identidades humanas. Mais do que uma expressão estética, ela é um território de construção de sentidos, memórias e pertencimentos. Nesse contexto, compreender o papel da literatura na formação da identidade racial negra é reconhecer seu potencial político e cultural na luta contra a invisibilização histórica e o racismo estrutural. A escrita e a leitura de obras que tematizam a experiência negra tornam-se, assim,

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra-MT. E-mail: antonia.rodrigues@unemat.br



instrumentos de resistência e afirmação, permitindo que sujeitos historicamente marginalizados se vejam como protagonistas de suas próprias narrativas.

Como afirma Stuart Hall (2006), a identidade não é uma essência fixa, mas um processo em constante construção, atravessado por relações de poder, cultura e história. A literatura, ao dar voz a essas múltiplas experiências, contribui para a ressignificação das imagens do negro na sociedade e para a valorização de uma memória coletiva afrodescendente. Em consonância com essa perspectiva, Kabengele Munanga (2004) enfatiza que o fortalecimento da identidade negra exige o reconhecimento da diversidade cultural e da historicidade das lutas do povo africano e afro-brasileiro, aspectos que a literatura pode representar e perpetuar de forma singular.

Autores e autoras da literatura afro-brasileira, como Conceição Evaristo, Cuti, Cristiane Sobral, Ana Maria Gonçalves, Neusa Baptista Pinto, Júlio Emílio Braz e muitos outros têm contribuído de modo expressivo para a construção de uma estética que rompe com o olhar eurocêntrico e propõe novas formas de subjetividade. Suas obras revelam personagens negros que sentem, pensam e narram o mundo a partir de si, o que representa um gesto de reexistência — termo que, conforme Evaristo (2008), traduz a potência da escrita como forma de viver, resistir e se afirmar. Nesse sentido, a literatura afro-brasileira não apenas representa identidades, mas também as cria, ressignificando o lugar do negro na sociedade e na cultura brasileira.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar a importância das literaturas *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto (2020) e *Pretinha, eu?*, de Júlio Emílio Braz (2008), para a construção da identidade racial negra, considerando-as como espaços de representação, resistência e reconhecimento. A reflexão parte da compreensão de que a leitura literária pode promover um processo formativo crítico, pois, conforme nos diz Teresa Colomer (2003), “livros ensinam a ler” e práticas de difusão dos livros ou da aprendizagem escolar permitem o progresso das crianças na interpretação das obras literárias.

Esta reflexão de Colomer contribui para sustentar a defesa de que o desenvolvimento da competência literária está diretamente associado à qualidade das práticas de mediação e à diversidade do acervo disponibilizado aos estudantes. A presença sistemática de livros que representem diferentes sujeitos e experiências sociais amplia as possibilidades de interpretação e fortalece a formação de leitores capazes de compreender a



literatura como espaço de expressão cultural, reflexão crítica e produção de sentidos sobre si mesmos e sobre o mundo.

Tal compreensão é particularmente relevante no âmbito da educação antirracista, pois evidencia que a formação do leitor crítico requer a presença de obras que dialoguem com a diversidade cultural e com as experiências históricas e sociais dos sujeitos, sobretudo no campo educacional, ao contribuir para o enfrentamento do racismo e para o fortalecimento das identidades negras. Nesse sentido, a difusão intencional de obras da literatura juvenil afro-brasileira no espaço escolar não se configura apenas como estratégia didática, mas também como ação pedagógica comprometida com a ampliação de horizontes de leitura, com o reconhecimento identitário e com a construção de perspectivas interpretativas sensíveis às questões de raça, cultura e pertencimento.

2 Identidade, literatura e resistência

A discussão sobre identidade racial negra é indissociável do contexto histórico de colonização, escravização e racismo que marcou a formação da sociedade brasileira. Segundo Neusa Santos Souza (2021), o “tornar-se negro” é um processo complexo de reconstrução subjetiva, no qual o sujeito precisa romper com as marcas simbólicas da negação e da inferiorização impostas pelo racismo. Esse processo se manifesta também por meio da representação literária, que tem o poder de descolonizar o imaginário e criar novos modos de existir.

Para Stuart Hall (2006), a identidade é construída no entrecruzamento de discursos, histórias e representações. Assim, a literatura afro-brasileira, ao reescrever a presença negra na história, atua como espaço de memória e de resistência, dando visibilidade a experiências historicamente silenciadas. Kabengele Munanga (2004) reforça essa ideia ao defender que o reconhecimento da pluralidade cultural e a valorização das matrizes africanas são fundamentais para o fortalecimento da identidade negra e para a superação do racismo.

Nesse contexto, a contribuição da literatura afro-brasileira torna-se central. Conceição Evaristo (2008) destaca que escrever, para o sujeito negro, é um ato político, uma forma de “escrivência”, que une escrita e vivência, rompendo com a tradição eurocêntrica



que historicamente negou a voz e a humanidade da população negra. A literatura, portanto, é mais que representação: é uma forma de resistência e reconstrução simbólica.

As obras *Pretinha, eu?*, de Júlio Emílio Braz (2008), e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto (2020), exemplificam de modo sensível como a literatura infantojuvenil pode contribuir para a formação da identidade racial negra. Ambas as narrativas partem de experiências cotidianas marcadas por preconceito e autoimagem negativa, mas propõem caminhos de superação e descoberta de si, promovendo o empoderamento das personagens e dos leitores.

Em *Pretinha, eu?*, Braz (2008) apresenta a história de Vânia e Bel, duas meninas negras que enfrentam o racismo na escola e questionam seu lugar no mundo. Ao longo da narrativa, a personagem Bel passa por um processo de autodescoberta que reflete o percurso descrito por Neusa Santos Souza (2021): o de tornar-se negra a partir da conscientização de sua própria história e do valor de sua ancestralidade.

Eu me assustei quando meu pai entrou no quarto e atirou um punhado de fotografias e o nosso álbum de família sobre a cama. – O que foi pai? - perguntei. Ele sorriu e sentou-se ao meu lado. – Nada – respondeu. – Eu só achei que você gostaria de me ajudar a colar algumas figurinhas no álbum. Olhei de novo e todos estavam lá. A família de meu pai. Pretinhos, pretinhos. Aquele primo, aquela tia, meus avós. Muita gente. Sorri pra meu pai e entendi tudo (Braz, 2008, p. 62).

Esse trecho revela um momento de profunda descoberta identitária e afetiva entre pai e filha. Através de um gesto simples — colar figurinhas no álbum de família — o autor constrói uma cena carregada de simbolismo, em que o reconhecimento da ancestralidade negra se manifesta de forma sensível e cotidiana. O “entendi tudo” final marca o instante em que a personagem compreende sua pertença étnico-racial, percebendo-se como parte de uma história e de uma coletividade.

Braz (2008) evidencia como a valorização das origens e da memória familiar é essencial para a construção de uma identidade positiva e para o fortalecimento da autoestima de sujeitos negros. O autor, por meio de uma linguagem acessível e poética, oferece às crianças negras uma imagem positiva de si mesmas, contribuindo para a formação de identidades fortalecidas e conscientes.

Já em *Cabelo ruim?*, Neusa Baptista Pinto (2020) retrata três meninas que, inicialmente, rejeitam seus cabelos crespos por influência dos padrões estéticos



eurocentrados, mas que aprendem a se reconhecer e se aceitar. A obra subverte o discurso hegemônico da beleza branca e propõe um novo olhar sobre o corpo negro, reafirmando a beleza natural e a autoestima.

Os dias se passavam e as meninas cada vez mais amigas. Brincavam juntas, estudavam juntas, choravam juntas. Mas o que elas mais gostavam de fazer era conversar. Falavam de tudo, da espinha no nariz até o que cada uma queria ser quando crescesse. E o assunto predileto eram os cabelos crespos, (agora as três só chamavam o cabelo assim). Pensavam e discutiam todo dia sobre ‘o que a gente pode fazer pra curtir o cabelo do jeito que ele é’ (Pinto, 2020, p. 26).

Nesse trecho da obra, observa-se a força da amizade e do diálogo como caminhos para a valorização da identidade negra. As conversas entre as meninas, especialmente sobre os cabelos crespos, simbolizam um processo coletivo de autoconhecimento e aceitação. Ao transformarem a maneira de nomear seus cabelos — de “ruins” para “crespos” —, elas ressignificam uma herança cultural muitas vezes marcada pelo preconceito.

Nesse contexto, Pinto (2020) evidencia que a construção da autoestima e do orgulho racial pode nascer do cotidiano, da partilha e da escuta entre iguais, reafirmando o poder educativo e transformador das relações afetivas. A autora, com sensibilidade e didatismo, transforma a questão estética em experiência de empoderamento e amor-próprio, em consonância com as reflexões de Munanga (2004) sobre o reconhecimento cultural como base da identidade.

Essas narrativas evidenciam que a literatura pode atuar como instrumento pedagógico de libertação simbólica. Ao oferecer novas representações do ser negro, elas contribuem para que crianças e jovens possam construir uma autoimagem positiva, compreender a diversidade e questionar os estereótipos raciais configurando-se como narrativas literárias que tensionam, no campo simbólico, representações historicamente estigmatizadas da identidade negra, especialmente no que se refere à construção da autoimagem e ao enfrentamento do racismo no cotidiano escolar e social. Em ambas as produções, observa-se a centralidade da experiência subjetiva das personagens negras diante de discursos discriminatórios que incidem sobre o corpo, a aparência e o pertencimento racial, revelando a literatura como espaço privilegiado de problematização das relações étnico-raciais e de ressignificação identitária.

Nesse sentido, as duas narrativas convergem ao apresentar o processo de tomada de consciência das personagens como movimento formativo que ultrapassa o âmbito individual



e se projeta na dimensão coletiva, ao questionar padrões estéticos e valores sociais que sustentam o racismo estrutural. Tal abordagem reafirma o potencial da literatura juvenil afro-brasileira como instrumento pedagógico e político, capaz de promover o letramento racial crítico, fortalecer a autoestima de leitores negros e ampliar a sensibilidade ética de todos os leitores para o reconhecimento da diversidade.

3 Interrogações que revelam identidades: reflexões sobre *Pretinha, eu?* e *Cabelo ruim?*

As interrogações presentes nos títulos das obras *Pretinha, eu?*, de Júlio Emílio Braz (2008), e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto (2020), ultrapassam a simples função gramatical e assumem um papel simbólico na construção das narrativas. Elas denunciam o conflito identitário vivido por sujeitos negros em uma sociedade que historicamente inferiorizou seus traços, sua cor e seus cabelos. Assim, os pontos de interrogação funcionam como espelhos do processo de questionamento, resistência e reconstrução da identidade negra.

Em *Pretinha, eu?*, o tom de surpresa e dúvida do título expressa o estranhamento da personagem diante da própria negritude. A interrogação traduz o impacto do racismo internalizado, que leva a menina a rejeitar sua cor e suas origens, por ter aprendido a associá-las à inferioridade.

Sei não, mas notei que Carmita estava querendo insinuar alguma coisa. Ela começou a fazer questão de perceber que eu era “moreninha” a partir daquele dia. Não que já não tivesse visto antes, não é isso. Acontece que antes parecia não ter a menor importância. Antes não dava pra fazer facilmente uma comparação. Antes eu era a amiga que ela carregava pra tudo que era lado. A filha do advogado Eduardo de Souza Campos (o que também pesou e muito quando fui aceita no Colégio Harmonia). E pagava isso, pagava aquilo, pagava tudo.

Medo. Fiquei com medo.

Medo de quê?

Não sei. Apenas medo, muito medo.

Perder a amizade da Carmita e das outras?

Ser também chamada de Pretinha?

Ser pretinha? (Braz, 2008, p. 15).

Nesse excerto, observa-se o momento em que Bel, personagem e narradora do romance, vivencia o despertar doloroso da consciência racial. A percepção da diferença, antes invisível, emerge quando a cor de sua pele passa a ser motivo de comparação e distinção. O termo “moreninha”, usado de forma ambígua, denuncia o modo como a



sociedade tenta suavizar ou disfarçar o preconceito, ao mesmo tempo em que reforça a hierarquia racial implícita.

A insegurança e o medo expressos pela narradora — “Medo. Fiquei com medo. [...] Apenas medo, muito medo” (Braz, 2008, p. 15) — revelam os efeitos emocionais e psicológicos do racismo na formação da identidade. A repetição da palavra “medo” enfatiza a sensação de ameaça e exclusão, mostrando que o racismo não se manifesta apenas em atos explícitos, mas também em olhares, insinuações e silêncios.

O questionamento final — “Ser também chamada de Pretinha? Ser pretinha?” (Braz, 2008, p. 15) — sintetiza o conflito identitário central da obra. Ao se perguntar sobre o significado de ser “pretinha”, a personagem dá voz à experiência de muitas crianças negras que crescem em contextos marcados por desigualdade e discriminação. A interrogação reflete o embate entre o olhar do outro e a construção da autoimagem, apontando para o processo de autoconhecimento e resistência que a narrativa propõe.

Desse modo, o trecho evidencia como Júlio Emílio Braz (2008) transforma a experiência individual da personagem em um espelho das tensões sociais, expõe o racismo estrutural e convida o leitor à reflexão sobre identidade, pertencimento e valorização da negritude. É assim que, ao longo da narrativa, o questionamento apresentado no título e verbalizado pela personagem Bel se transforma em autoconhecimento: o que antes era negação passa a ser reconhecimento. Braz (2008), ao utilizar a interrogação, simboliza o percurso de conscientização de uma identidade que precisa ser resgatada das marcas da exclusão.

De modo semelhante, em *Cabelo ruim?*, a interrogação assume caráter provocador. Neusa Baptista Pinto (2020) questiona a expressão preconceituosa que classifica os cabelos crespos como “ruins”, desconstruindo um padrão de beleza eurocêntrico e racista. O ponto de interrogação, aqui, é um convite à reflexão: quem determinou o que é “ruim” ou “bom”? Ao transformar o insulto em pergunta, a autora devolve ao leitor a responsabilidade de repensar os estereótipos e de valorizar a diversidade estética como forma de afirmação da identidade negra.

Era o primeiro dia de aula e Tatá era a única aluna nova na classe. A professora pediu que cada aluno dissesse o seu nome e, quando chegou a vez dela, alguém disse: ‘Mais uma de cabelo ruim na nossa classe!’. Todo mundo riu. A professora quis saber quem tinha falado aquilo, ficou brava, falou que não ia querer



brincadeiras daquele tipo na aula, que era muita falta de respeito! (Pinto, 2020, p. 8).

Neste episódio vivido por Tatá no primeiro dia de aula, temos a revelação do impacto precoce do racismo e da discriminação estética no ambiente escolar. O comentário ofensivo — “Mais uma de cabelo ruim na nossa classe!” —, embora travestido de brincadeira, evidencia a força do preconceito internalizado nas crianças, reproduzindo discursos sociais que desvalorizam os traços físicos da população negra, especialmente o cabelo crespo.

A reação da professora, que repreende o comportamento e defende o respeito, tem importância simbólica: representa a possibilidade de ruptura com a naturalização da ofensa e com o silêncio cúmplice diante do racismo. No entanto, a breve descrição da cena — o riso coletivo, o constrangimento de Tatá e a solidão de ser “a única aluna nova” — expõe como o preconceito, mesmo combatido pontualmente, deixa marcas profundas na subjetividade infantil.

A expressão “cabelo ruim” sintetiza um dos estigmas mais persistentes do racismo à brasileira: o julgamento baseado em padrões eurocêntricos de beleza. A autora, ao narrar o episódio de forma direta e sensível, convida o leitor a refletir sobre como tais palavras moldam identidades e geram exclusões. Assim, o texto de Pinto (2020) cumpre uma função pedagógica e política, ao questionar estereótipos e afirmar a importância do respeito e da valorização da diversidade como pilares de uma educação antirracista.

Desse modo, as interrogações nos títulos das obras analisadas não apenas introduzem enredos, mas também inauguram debates sociais urgentes. Elas questionam o olhar discriminatório e impulsionam a reconstrução de uma autoimagem positiva, baseada na aceitação e no orgulho da negritude. Júlio Emílio Braz (2008) e Neusa Baptista Pinto (2020), ao fazerem da dúvida um ponto de partida, revelam que a interrogação pode ser também um gesto de resistência — o início de uma resposta afirmativa à pergunta sobre quem se é e de onde se vem.

No contexto da sala de aula, o professor pode explorar essas interrogações como estratégia de mediação inicial da leitura, mobilizar os conhecimentos prévios dos estudantes e promover a construção coletiva de hipóteses interpretativas. Perguntas como “Por que alguém diria que um cabelo é ruim?” ou “O que significa ser chamada de pretinha?” permitem evidenciar que tais expressões não são neutras, mas carregadas de sentidos sociais, culturais e afetivos. Esse movimento contribui para tornar visíveis as relações entre



linguagem, preconceito e poder, favorecendo o desenvolvimento de uma leitura crítica e sensível às dimensões éticas da linguagem.

Do ponto de vista didático, as interrogações nos títulos podem ser trabalhadas como disparadores de práticas dialógicas que antecedem e acompanham a leitura das obras. O professor(a) pode propor rodas de conversa, registros escritos ou atividades de levantamento de percepções e sentimentos associados às palavras presentes nos títulos, criando um ambiente de escuta e reflexão que valorize as experiências dos estudantes. Tal abordagem possibilita que a leitura literária seja compreendida não apenas como exercício cognitivo, mas também como experiência formativa que envolve identidade, pertencimento e reconhecimento social.

4 Considerações Finais

A literatura, ao se constituir como espaço de criação simbólica e de construção de sentidos, revela-se também como um campo de resistência política e de afirmação identitária. No caso da população negra, essa dimensão assume caráter ainda mais profundo, uma vez que a escrita e a leitura de narrativas negras representam atos de enfrentamento ao racismo e de reconstrução da subjetividade. A análise das obras *Pretinha, eu?*, de Júlio Emílio Braz (2008), e *Cabelo ruim?*, de Neusa Baptista Pinto (2020), evidencia como a literatura pode contribuir para o processo de autoconhecimento, valorização e fortalecimento da identidade racial negra desde a infância.

Ambas as narrativas partem de experiências de discriminação e exclusão, mas transformam essas vivências em percursos de descoberta de si e empoderamento. As personagens Bel e Tatá simbolizam o movimento de “tornar-se negro”, conforme proposto por Neusa Santos Souza (2021), ao passarem da negação à aceitação, do sofrimento à afirmação. Por meio dessas trajetórias, a literatura infantojuvenil assume um papel formativo e emancipador, promovendo a ressignificação de valores e a desconstrução de estereótipos raciais profundamente enraizados na cultura brasileira.

Ao proporem representações positivas da negritude, Braz (2008) e Pinto (2020) reafirmam que a literatura pode ser instrumento de transformação social e educativa. Suas obras dialogam com a perspectiva de Hall (2006) e Munanga (2004), ao compreenderem a



Vol. 32, nº 1 (2026)

identidade como processo histórico e cultural. Assim, a literatura afro-brasileira não se limita à dimensão estética: ela se torna prática política, memória viva e ferramenta de resistência.

Ao mediar esse processo, o professor contribui para que os estudantes compreendam que palavras, nomes e perguntas podem reproduzir desigualdades ou, ao contrário, tornar-se instrumentos de reflexão, afirmação identitária e transformação social, reafirmando o papel da literatura juvenil afro-brasileira como prática educativa comprometida com a justiça racial e com a formação humana.

Referências

BRAZ, J. E. **Pretinha, eu?** São Paulo: Scipione, 2008.

COLOMER, T. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual.** Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: DUARTE, E. A. (org.). **Literatura, política, identidades.** Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 16-23.

HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade.** São Paulo: DP&A, 2006.

PINTO, N. B. **Cabelo Ruim?** Ilustrações de Yasmim Mundaca. 5. ed. Cuiabá-MT: Editora Tanta Tinta, 2020.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Petrópolis: Vozes, 2004.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.